



## **Todos os Sentidos: no ar, para dar voz às pessoas com deficiência<sup>1</sup>**

Iara Gomes de Moura<sup>2</sup>  
Lorena Alves Almeida Crispim de Sousa<sup>3</sup>  
Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante<sup>4</sup>  
Henrique Sérgio Beltrão de Castro<sup>5</sup>  
Universidade Federal do Ceará

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma discussão sobre o programa radiofônico Todos os Sentidos, uma experiência de inclusão das pessoas com deficiência no rádio. O programa é veiculado semanalmente às quartas-feiras de 14h às 15h na Rádio Universitária FM 107,9. Neste artigo, queremos compartilhar o trabalho de produção que realizamos no Todos os Sentidos e apresentar o programa; seu formato, sua relação com as fontes e sua proposta de inclusão.

**Palavras-chave:** Pessoas com deficiência; Rádio; Inclusão; Todos os Sentidos.

### **Introdução**

Quando recuperamos o sentido etimológico da palavra comunicação, encontramos as expressões de partilha, comunhão, troca (MARTINO, 2001). Os sentidos de partilha e de aprendizado estão intrinsecamente ligados à oralidade. As histórias dos nossos antepassados que chegam até a gente “de boca em boca” nos ensinam como agir. Na escola, é na interação com o professor e com os colegas de sala que o aprendizado se realiza. “(...) educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1992, p. 69).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na divisão temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior, Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante do 5º semestre de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo – da Universidade Federal do Ceará e bolsista de Extensão na produção dos programas Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz. E-mail: [iaragmoura@gmail.com](mailto:iaragmoura@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante do 5º semestre de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo – da Universidade Federal do Ceará e bolsista de Extensão na produção dos programas Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz. E-mail: [lorenascrispim@gmail.com](mailto:lorenascrispim@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora da Universidade Federal do Ceará. E-mail: [andrea@virtual.ufc.br](mailto:andrea@virtual.ufc.br)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Poeta, radialista, professor da UFC; orientador, produtor e apresentador do Todos os Sentidos e do Sem Fronteiras: Plural pela Paz, projetos de extensão da UFC e programas da Rádio Universitária FM 107,9. E-mail: [beltraohenrique@yahoo.com.br](mailto:beltraohenrique@yahoo.com.br)



O rádio é um meio de comunicação oral e, por isso mesmo, tem uma pulsão educativa, popular e afetiva. O desenvolvimento dos meios audiovisuais – TV, vídeo e cinema – culminou no estabelecimento de uma cultura que supervaloriza as imagens em relação ao som. A expressão “sociedade da imagem” resume este fenômeno global de massificação das formas simbólicas através da visualidade.

Segundo McLuhan, uma das consequências do surgimento da TV para o rádio foi a transformação deste meio numa espécie de sistema nervoso da informação. “Notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e, acima de tudo, informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras” (McLUHAN, 2005, p.144).

Diante do fenômeno de especialização e homogeneização da programação das emissoras de rádio, o veículo vem perdendo uma das suas características fundamentais para Armand Balsebre (2005): a expressão. O uso do veículo para difusão de notícias em escala industrial e a exploração comercial das músicas e anúncios têm contribuído para a perda do seu sentido estético e expressivo.

Mesmo neste contexto adverso, há autores que defendem que o rádio continua sendo o meio de comunicação mais popular e universal. A mobilidade, o custo baixo, a linguagem oral, a possibilidade de coexistir com outras atividades são as características fundamentais que mantêm a perenidade do rádio. Estas mesmas características fazem com que muitos acreditem que o rádio pode ser utilizado como instrumento de transformação social, desenvolvendo ações de inclusão e articulação dos movimentos marginais da sociedade. “Es un medio que rechaza el culteranismo, la arrogancia o los formatos tipos clases por radio. Es por todo ello que la radio, ciudadana y plebeya por excelencia, se presta tan bien para la educación democrática (...)” (RONCAGLILO, 1999, p.122 ).

Diante deste cenário, nós nos perguntamos: quais os caminhos possíveis para que o rádio esteja empenhado na inclusão dos segmentos marginalizados da sociedade? Apresentamos neste artigo algumas reflexões colhidas na experiência de produção do programa Todos os Sentidos, da Rádio Universitária FM, onde atuamos como bolsistas de Extensão da Universidade Federal do Ceará.

### **Todos os Sentidos no ar: música, entrevista e poesia**

O programa radiofônico Todos os Sentidos – projeto de Extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), vinculado ao Departamento de Letras Estrangeiras – nasceu



em 2003 e visa dar voz às pessoas com deficiência (PcD), tratando-as como cidadãos e cidadãs. Ele vai ao ar pela Rádio Universitária FM 107, 9, às quartas-feiras, de 14 às 15 horas. Os convidados são as PcD, familiares, artistas, especialistas e pesquisadores; estes conversam ao vivo com o apresentador e com o ouvinte, que pode participar por telefone ou pelo e-mail: [sentidos@radiouniversitariafm.com.br](mailto:sentidos@radiouniversitariafm.com.br). A programação ao vivo da rádio também pode ser acompanhada pelo *site* da emissora: [www.radiouniversitaria.com.br](http://www.radiouniversitaria.com.br).

Cumprindo a lógica da extensão universitária, o programa mantém parceria com várias entidades organizadas que defendem os direitos das PcD. Essas organizações sugerem constantemente pautas ao programa, enquanto o Todos os Sentidos divulga a programação de eventos e espaços que contribuam para a inclusão social das PcD. Essa parceria constitui, na verdade, uma construção coletiva que agrega fontes e produção do programa num processo de aprendizado mútuo.

A proximidade entre as fontes – que são simultaneamente ouvintes e convidados – e a equipe de produção do Todos os Sentidos ultrapassa o ambiente radiofônico. A produção do programa participa de eventos promovidos pelas entidades parceiras, contribuindo através de debates que pautem a inclusão como necessidade social. Robert McLeish ressalta a importância de o produtor/radialista sair dos estudos radiofônicos e conhecer a realidade de perto.

O produtor, portanto, não pode ficar apenas restrito a seu mundo da radiodifusão, deve envolver-se física e mentalmente com a comunidade que ele está tentando servir. É muito fácil para os homens da mídia ficarem em sua torre de marfim e formarem uma elite afastada do mundo do ouvinte (McLEISH, 2001, p.199).

Naturalmente que uma proposta de programa que leva em conta a inclusão numa abordagem que transcende o meramente informativo provavelmente não teria espaço em emissoras cujo perfil não estivesse alinhado à proposta emancipadora que o Todos os Sentidos carrega em si. Por isso, consideramos relevante inserir nessa reflexão o ambiente onde o programa se concretiza, que é a Rádio Universitária FM.

A Rádio Universitária FM foi fundada em 1981. A emissora funciona numa parceria entre a Universidade Federal do Ceará, através do Núcleo de Divulgação em Radiodifusão de Programas em Extensão da UFC, e a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, conforme o *site* institucional.

A pluralidade da programação – que mescla música, informação e educação – faz com que a Rádio Universitária FM caminhe na direção do rádio em sua completude



linguística, como propôs Balsebre (2005), cumprindo suas funções informativa, comunicativa e expressiva. A emissora mantém um compromisso social de estabelecer pontes entre a academia e a sociedade civil.

“Com o coração em serena festa, de corp’alma cheio de gratidão...” Assim se inicia o Todos os Sentidos. A voz suave e próxima do apresentador Henrique Beltrão sugere o convite para uma conversa íntima, para um diálogo franco e acolhedor.

Durante uma hora de veiculação, o Todos os Sentidos reúne música, entrevista e poesia. A construção de cada programa é feita através da dosagem destes três elementos de maneira a constituir um todo homogêneo sem destituir a unidade semântica de cada um deles.

As músicas não são escolhidas aleatoriamente; elas nutrem uma relação de identificação com a temática do programa. A melodia que vai de B.G. (música de fundo) é um convite a uma pausa para ouvir. Balsebre explica a importância da música no contexto radiofônico. “A utilização da música e dos efeitos sonoros na produção de enunciados significantes, como signos substitutivos de uma determinada idéia expressiva ou narrativa, pode superar muitas vezes o próprio sentido simbólico e conotativo da palavra.” (BALSEBRE, 2005, p. 329).

O programa do dia 08 de abril de 2009, por exemplo, foi sobre a aprovação do projeto de lei 2/2009 que oficializa esta data como Dia Estadual do Braille. Logo no início do programa, a música de fundo era de Hermeto Paschoal – músico nordestino cego. Todas as músicas que tocaram no decorrer do programa eram do grupo Tribo de Jah, que é quase todo composto por músicos cegos ou com baixa visão.

A relação semântica nem sempre se constrói de maneira tão direta. Num outro programa, veiculado no dia 13 de maio de 2009, a temática era o Artigo 3º do Decreto de número 5.626 de 2005, que coloca a Língua Brasileira de Sinais – Libras – como disciplina obrigatória para os cursos de formação de educadores, e uma das músicas que tocou foi “Nada será com antes”, de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, que transmite uma mensagem de esperança, de mudanças, o que se afina com a perspectiva da implementação do decreto na UFC.

Os textos que introduzem as entrevistas são prosas poéticas de autoria de Iara Moura e Lorena Alves. O roteiro do dia 20 de maio de 2009 é ilustrativo da linguagem do programa:

LOC: “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer



parte”. A letra dos Titãs diz muito do nosso anseio de viver a vida em plenitude. Muitas vezes, só nos preocupamos em lutar pelo imediato, de construir o palpável, em pensar no pão, no labor e na escola. Lutar pelo amor, pela poesia, pela paz também deve fazer parte de nossa construção diária de um mundo novo.

BG

LOC: Quando falamos dos direitos das pessoas com deficiência, muitos pensam em rampas de acesso, seguridade social, passe-livre nos transportes públicos, cotas no mercado de trabalho e por aí vai. É isso que a gente quer e muito mais.

BG

LOC: Cidades com rampas de acesso e sinais sonoros, letreiros em braille, escolas acessíveis, pessoas que não são surdas falando em Libras. Teatros, cinemas e casas de shows com espetáculos áudio-descritos. Redes de TV comandadas pelos cegos, programas de rádio para surdos. Quem diria? Por que não? Prefeitos e vereadores com síndrome de Down. Quem sabe o mundo fosse melhor assim? Não nos custa sonhar...

BG

LOC: Os artistas sonham longe. Para dividir conosco um pouco da sua arte e dos seus sonhos, recebemos hoje no Todos os Sentidos dois jovens com síndrome de Down: Levi Pimenta – poeta e brincante de maracatu – e Mariana Cavalcante – autora do livro Mariana: Facho de luz.

O texto acima faz uso do pronome de primeira pessoa do plural. Mais do que um recurso estilístico, a opção pelo uso do *nós* denota o compromisso da equipe do programa com a construção de uma sociedade inclusiva. Colocamo-nos como sujeitos ativos desse processo de transformação.

Dessa forma, o programa passa a atuar não só como um elemento de repasse de informações, mas como um núcleo aglutinador das organizações e movimentos das pessoas com deficiência na perspectiva de Rafael Roncaglio: “(...) pensar que educación democrática hace sintonia con educación para la denuncia tiene poco sentido. De lo que se trata, precisamente, es de pasar de la denuncia a la acción organizada, del testimonio a la eficiencia” (Roncaglio, 1999, p. 130).

Feita a apresentação inicial do Todos os Sentidos, convém agora partirmos para uma análise mais abrangente: Qual a relação do rádio com o processo de inclusão das pessoas com deficiência?

### **O rádio fala ao coração dos simples**

Ferrareto (2000) descreve algumas características do rádio que garantem a sua singularidade diante dos outros meios de comunicação de massa. Destacamos duas delas que, no nosso entendimento, se relacionam com a característica inclusiva do meio rádio:



a simplicidade e o potencial educativo. Acrescentamos a dimensão da afetividade que se constrói entre ouvinte e locutor e que os conduz a um processo de aprendizado mútuo.

A linguagem oral e simples do rádio aproxima-se do contato direto de uma conversa e, por isso mesmo, apresenta mínimos requisitos à participação das pessoas, seja ouvindo ou falando no rádio. As mensagens radiofônicas chegam às pessoas cegas, com síndrome de Down, pessoas com deficiência mental, enfermos, idosos e crianças de maneira mais acessível do que as de outros meios de comunicação.

É sabido também que o rádio não fala só à razão das pessoas. As músicas trazem lembranças e despertam emoções. A voz do rádio oferece companhia a quem se sente só. Os apresentadores/locutores são muitas vezes considerados amigos. O ouvinte alimenta uma relação de confiança e admiração por aquele que escuta todos os dias. “A fala do locutor é percebida pelo ouvinte como real e presente e proporciona uma relação de empatia e de identificação” (BALSEBRE, 2005, p.331).

Aqui vemos emergir o sentido afetivo do rádio. Defendemos que esta é uma característica do veículo há algum tempo negligenciada em nome da rapidez de veiculação e canalizada para gerar lucros comerciais, mas nem por isso desaparecida. As relações de proximidade estabelecidas entre locutores e público, bem como a fidelidade que o ouvinte constrói em torno de um programa demonstra-nos isso.

Como o programa Todos os Sentidos tem a entrevista como elemento central, em que várias questões, como a da mediação afetiva, se manifestam, é oportuno pensar sobre as características técnicas deste gênero jornalístico. Na perspectiva de McLeish (2001), as entrevistas são classificadas em três tipos: informativas, emotivas e interpretativas.

No caso do Todos os Sentidos, entretanto, observamos que a entrevista é um gênero híbrido; ela mescla um caráter informativo, interpretativo e emocional. Por vezes, o que interessa ouvir é o depoimento de uma PcD, saber quais dificuldades enfrenta, quais seus sonhos, suas frustrações. Outras vezes, o importante é o sentido informativo daquele diálogo, o que o pesquisador ou especialista têm a dizer sobre determinada deficiência.

O programa citado anteriormente (20 de maio de 2009) parece privilegiar o sentido emocional da entrevista. Os convidados – dois jovens com síndrome de Down – foram questionados sobre seu cotidiano, seus estudos, seus planos para o futuro. Porém, o sentido informativo também está presente. Ainda há muitos mitos que foram socialmente construídos acerca das PcD. Saber que Levi e Mariana (os entrevistados do



dia 20 de maio) estudam, trabalham e namoram como qualquer outro jovem pode ser um choque para quem se acostumou a encarar as PcD a partir somente da diferença e não da identificação.

Quando falamos em afetividade, recorremos à análise de Damásio (2004) e Sawaia (2000) citada por Henrique Beltrão em seus estudos que contemplam arte, rádio e formação de professores. Estamos falando de todos os sentimentos humanos e de uma dimensão que não é dicotômica à razão. De acordo com Sawaia apud Beltrão (2000, p.8), a afetividade é "a tonalidade, a cor emocional que impregna a existência do ser humano e ela é vivida como emoções ou sentimentos".

Este recurso do rádio de falar à razão e ao mesmo tempo lidar com afetos torna-o um veículo educador por excelência. A construção de saberes pelas ondas do rádio pode ajudar a desconstruir preconceitos e estigmas sociais que por sua vez contribuem para a exclusão de alguns setores, entre eles, notadamente, as pessoas com deficiência. Desta maneira, o rádio pode funcionar como um veículo educativo informal que está presente no cotidiano das pessoas, sem fronteiras espaciais.

Por educação informal, entendemos aqui o conjunto de saberes que não estão ligados a instituições formais de ensino – representadas pela Escola – nem a métodos específicos de transferência de saber (PIOVESAN, 2004). A educação informal está ligada à práxis humana, ao cotidiano, aos saberes do senso comum.

A definição de educação que a jovem com síndrome de Down Mariana Cavalcante concebeu em entrevista ao programa Todos os Sentidos, no dia 20 de maio de 2009, resume bem o que Angelo Piovesan chama de educação informal “A gente aprende com a vida, encarando a realidade do dia-a-dia, no trabalho e na escola. (...) A Escola é o básico, mas, na realidade, é a vida”.

Os formadores de opinião – entre eles notadamente os comunicadores e educadores – têm de estar empenhados na construção de novos saberes que contemplem as diferenças humanas, considerando que a falta de informação ou a informação errada contribuem para a perpetuação de atitudes segregadoras e discriminatórias.

Não é coerente, por exemplo, o locutor perguntar a uma pessoa com síndrome de Down (SD) sobre uma possível cura, porque a SD não é uma doença. No entanto, discutir as pesquisas sobre células-tronco e sobre uma possibilidade de cura para a



amiotrofia espinhal<sup>6</sup> não é constrangedor nem antiético, pois é uma aspiração dos especialistas e familiares das pessoas que têm amiotrofia.

Exatamente por fazer parte do cotidiano das pessoas, por acompanhá-las em suas tarefas diárias, o rádio constitui uma fonte inesgotável de saberes. A acessibilidade educativa do rádio – que independe do deslocamento a uma Escola ou outra instituição – faz com que muitas pessoas tenham no rádio sua única ou pelo menos uma das mais importantes fontes de conhecimento.

### **Nada sobre nós sem nós<sup>7</sup>**

A Comunicação é uma necessidade intrínseca ao ser humano. É também um direito garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Porém, no contexto atual, em que a informação vira produto e poucos grupos empresariais decidem sobre o conteúdo das informações veiculadas, as pessoas com deficiência têm pouquíssimos espaços de expressão. Além disso, as informações veiculadas acerca das PcD ainda reproduzem conceitos distorcidos e preconceituosos.

A mídia tem reproduzido com muita eficiência este pensamento mágico de que é possível evitar para sempre discussões que envolvem Deficiência. Esta postura se traduz na não-valorização do assunto Deficiência como de utilidade e de interesse públicos – o que, conseqüentemente, provoca um empobrecimento das matérias publicadas com este foco nos jornais brasileiros. O mesmo problema atinge o processo de elaboração das reportagens veiculadas pelo rádio e pela televisão (VIVARTA, 2003, p. 20).

Um espaço no rádio em que se discuta *a respeito de* e principalmente *com* as pessoas com deficiência se faz fundamental neste cenário, em que a mídia ainda não tem dado a importância necessária ao assunto. É necessário discutir a participação social dessas pessoas sem tratá-las num bloco homogêneo ou de maneira simplista.

O Todos os Sentidos trabalha numa perspectiva de inclusão social das pessoas com deficiência que supera o conceito de integração que

(...) nos induz a acreditar que podemos escolher quais seres humanos têm direito a estar nas escolas, nos parques de diversões, nas igrejas, nos ambientes de trabalho, em todos os lugares (...) Num contexto integrativo, o máximo feito pela sociedade para colaborar com as pessoas com deficiência neste processo de inserção seriam pequenos

---

<sup>6</sup> A amiotrofia espinhal, ou atrofia muscular espinhal, tem origem genética. Ela se caracteriza pela atrofia muscular sedentária e degeneração de neurônios da medula espinhal. Fonte: site da Associação Brasileira de Atrofia Muscular – ABRAME ([www.atrofiaespinhal.org](http://www.atrofiaespinhal.org))

<sup>7</sup> Lema oriundo dos movimentos das pessoas com deficiência que resume a idéia de que elas mesmas devem ser sujeitos de suas reivindicações.





ajustes como adaptar uma calçada, um banheiro ou até receber uma criança com deficiência mental na sala de aula, mas só se ela pudesse “acompanhar a turma”. (VIVARTA, 2003, p. 20).

Já o conceito de inclusão parte do pressuposto de que a sociedade é que tem de estar preparada para acolher as minorias, para dar conta da diversidade humana.

Como filosofia, incluir é a crença de que todos têm direito de participar ativamente da sociedade. Como ideologia, a inclusão vem para quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados. A inclusão é para todos porque somos diferentes (VIVARTA, 2003, p. 20).

A partir desse conceito de inclusão, todos os cidadãos e cidadãs têm o direito de manifestar suas opiniões e expressões. É baseado nessa integração inclusiva que o Todos os Sentidos atua junto às pessoas que têm deficiência, partindo primeiramente da idéia de diferença inerente a todos os seres humanos.

Respeitar as diferenças e fazer com que a sociedade se adapte a todos – e não o contrário – são as principais características da inclusão que aqui apresentamos. O Todos os Sentidos dá voz às pessoas que têm deficiência para que elas possam falar de seus planos, anseios, inquietações. Costumamos dizer que tratamo-nas como cidadãs e cidadãos que têm atitudes heróicas no modo de enfrentar as dificuldades que a deficiência lhes impõe e que sofrem pelas barreiras socialmente construídas, mas nem por isso são “coitadinhas” ou “super-heroínas”. São cidadãs e cidadãos que têm direito ao convívio social e à assistência do Estado – e são seres humanos acima de tudo.

### **Descobrir o rádio e as pessoas com deficiência**

O trabalho de contatar os convidados, de selecionar as músicas e de construir o roteiro é feito por nós com a orientação do professor Henrique Beltrão. A descoberta da linguagem radiofônica – comumente relegada a segundo plano nos cursos superiores de Comunicação – trouxe algumas contradições com o que aprendemos nas teorias do jornalismo.

As regras de objetividade e distanciamento com as fontes são superadas. Dizemos superadas por que para nós construir o programa junto das fontes e estabelecer vínculos com elas é uma postura fundamental para um programa que se propõe inclusivo. Além disso, o programa nasceu comprometido com uma causa e é em nome dela que é realizado, então não cabe disfarçar nossas posições e comprometimento com essa causa.



Como tratar com distanciamento pessoas que durante quase toda a nossa vida não enxergamos? As pessoas com deficiência parecem andar pelas ruas invisíveis até que a gente se depara com elas. Na verdade, defendemos que deixar transparecer sentimentos e emoções do comunicador é algo que faz parte do veículo rádio. Em nome da “objetividade” e da rapidez da notícia, muito do potencial radiofônico de educador e mobilizador tem sido desperdiçado, servindo na verdade a interesses comerciais.

### **Considerações Finais**

Os estudos sobre inclusão não devem se encerrar no meio acadêmico. É papel dos comunicadores se apropriar das discussões a respeito da inclusão e implementá-las no seu cotidiano. A inclusão só pode ser implantada no seu sentido pleno através da quebra das barreiras físicas e atitudinais.

Não almejamos finalizar neste artigo nossos estudos e vivências profissionais – que não deixam de ser pessoais – acerca da inclusão. Entender as pessoas com deficiência sob uma ótica diferente da que foi adotada durante muito tempo se faz urgente. O rádio, enquanto meio de comunicação que invade o dia-a-dia das pessoas, deve ser utilizado como mediador da inclusão social.

O trabalho de produção do Todos os Sentidos exige de nós uma postura que se diferencia da rotina dos jornalistas dos meios privados de comunicação. Entendemos que a relação com as fontes, o ritmo de produção, a estrutura dos textos estão em sintonia com um projeto de sociedade que o programa almeja construir cotidianamente. Por isso mesmo, é necessário um esforço diário para subverter os padrões – de objetividade, rapidez e distanciamento com as fontes – que determinam a atividade do comunicador.

A comunicação é um direito humano e não deve estar restrita a determinados setores sociais. O programa Todos os Sentidos é uma experiência bem-sucedida de inclusão no rádio. Dar voz às pessoas com deficiência se faz fundamental na construção de uma comunicação democrática. Em entrevista à produção do Todos os Sentidos, Iara Pimenta, mãe de Levi Pimenta, disse que quem mais tem a falar sobre as pessoas com deficiência são elas mesmas.

Cabe a nós, pesquisadores e comunicadores, expandir as discussões e experiências inclusivas, levá-las à sociedade, quebrar nossos preconceitos, enxergar as pessoas com deficiência como cidadão de direitos e seres humanos.



## Referências bibliográficas

ALFARO, Rosa María (org). **La radio ciudadana del futuro**. Calandria: Red de Comunicación Popular CEAAL, 1999.

BALSEBRE, Armand. **A linguagem radiofônica**. In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005.

CASTRO, Henrique S.B. **Arte, rádio e educação: percursos da afetividade**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 19o, 2009. João Pessoa. Anais. João Pessoa: EPENN, 2009.2009.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARTINO, Luiz. **De qual Comunicação estamos falando**. In: Hohfeldt, Antônio(org); Martino, Luiz C. (org); Veiga, Vera (org). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

McLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001. - (Novas buscas em comunicação; v.62).

McLUHAN, Marshal. **Rádio: O Tambor Tribal**. In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005.

PIOVESAN, Angelo (org). **Rádio: Sintonia do Futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004.

ROCANGLIOLO, Rafael. **Cuatro tesis equívocas sobre radio y educación ciudadana**. In: ALFARO, Rosa María (org). **La radio ciudadana del futuro**. Calandria: Red de Comunicación Popular CEAAL, 1999.